

## **A mãe cujos filhos são peixes**

The mother whose children are fish

Adriana Rosa Cruz Santos

Universidade Federal Fluminense

---

### **RESUMO:**

Uma despedida, um mergulho, um descalabro. Recusar, aceitar. E a teimosia de continuar em variações contínuas a conversa com a memória e a presença inarredável de Heliana Conde, esta existência oceânica interessada nos ínfimos e infinitos grãos de areia. Odoyá!

**Palavras-chave:** Heliana Conde – memória - Yemanjá

---

### **ABSTRACT:**

A farewell, a dive, a disaster. Refusing, accepting. And the stubbornness to continue in continuous variations the talk with the memory and the irremovable presence of Heliana Conde, this oceanic existence interested in the tiny and infinite grains of sand. Odoyá!

**Keywords:** Heliana Conde – memory - Yemanjá

---

*DOI: 10.12957/mnemosine.2024.88531*

Procedimento: retomo a fala do evento Modulações Helianas, ocorrido na UERJ, em 26 de junho de 2024. Acrescento a esta fala novas camadas, depois de três meses, para que a fala vire texto neste Dossiê sobre o evento. Mantenho aberto o canteiro de obras para que todes possam entrar, olhar, mexer. Como se assim fosse possível manter o acontecimento inacabado, sem se concluir definitivamente. Uma porta entreaberta entre nós, eu e Lili e quem mais chegar, permitindo furtivas passagens, longas conversas e, com sorte, algumas gargalhadas.

Foi bem difícil estar na UERJ naquele 26 de junho, nas “Modulações Helianas”. Parecia que poderia desabar a qualquer momento. Na verdade, parece que, em certa medida, tenho vivido em estado de desabamento. Até ontem, véspera do primeiro turno das eleições. Hoje reergo-me na iminência do fim dos prazos, como a personagem de Edifício Master, de Eduardo Coutinho (COUTINHO, 2002), que desistiu de se matar para não ficar inadimplente junto à grande loja de departamento. Salva por um carnê.

É como ela que chego aqui hoje. Mais uma vez quase não consigo. Mas teimo em chegar, em permanecer. E a teimosia é uma artimanha poderosa. “Repetir, repetir, repetir, até ficar diferente”, ensinou o poeta. Como disse naquela quarta-feira de junho, o amor é uma espécie de coragem insana que faz a gente se lançar no vazio de uma saudade. O amor à Heliana me trouxe aqui, naquela manhã e hoje. Salva, por enquanto.

Ainda faltavam palavras e fui lançada no aniversário sem parabéns. O último que havíamos comemorado mais ruidosamente tinha sido em 2019, antes do fim do mundo se estabelecer. Fizemos “Ocupaheliana”, uma comemoração surpresa no Siri, restaurante perto da UERJ, tão distante agora. Neste intervalo impossível me instalo pra balbuciar as palavras que faltam. Sobram longos e perplexos silêncios, este intervalo incompreensível entre o que éramos e o que vimos a ser. Intervalo que abriga muitas temporalidades possíveis: o breve período de três meses, se tomamos como referência 4 de março de 2024, quando Lili partiu; ou nove meses, se retornamos à turbulência do 4 de setembro de 2023, quando este fim de mundos começou. Mas posso recorrer ainda ao intervalo entre o que eu era e o que me tornei ao longo desses mais de trinta anos de amizade. Este é intervalo imenso, abissal como este momento, onde vazo por todos os lados, tateando um pouco de chão para prosseguir. O amor é uma espécie de coragem insana.

Recuso o enquadre “docência” que gentilmente me ofereceram os anfitriões, como se fosse palavra pouca para o tanto que houve. Recuso a instituída homenagem com os olhos ardendo de lava e lágrima. Recuso e aceito o convite, habitada por buracos e luminescências. Acho que aprendi esse artifício com você, Lili, com os institucionalistas, com os loucos, com

os poetas, já não lembro bem. Recuso e aceito, recuso e aceito, permaneço de pé enquanto tudo desmorona, inclusive eu, recuso e aceito, que é o único jeito de fazer a vida passar, assim, como um gozo inesperado, uma gargalhada na escuridão, uma peleja com a morte. Recuso e aceito.

Recuso. Aceito.

Começamos, aqui, novamente e por tempos a perder de vista, o Ocupaheliana! Equipos, equipes e equipamentos<sup>1</sup>, sejam bem-vindos! Bem-vindos institucionalistas, grupelistas, dadaístas, anarquistas, anônimos, menores, fugazes, libertários, não-humanos, abissais, dissidentes, combalidos, incrédulos, esvoaçantes, inclassificáveis, monstruosos, tonitruantes, acesos, teimosos, solares e empoeirados. De onde me instalo, nessa espessura móvel chamada agora, é possível ver inumeráveis de nós, que nos encontramos aqui, nesta encruzilhada chamada HELIANA.

O que nos faz estar aqui, hoje? É desta força de atração que ultrapassa fronteiras, preferências, regularidades, que gostaria de vestir minhas palavras. É esta força que Heliana encarnava e fazia consistir em seus gestos, interpelações e direções. Em sua sala aqui na UERJ, junto aos livros, habitavam bonecos, gatinhos de todos os tipos e pequenos objetos que ela ganhava sempre e em profusão, sobretudo dos alunos. E algumas imagens de Yemanjá. Não sei se lembro ou ficciono, se lembro ficcionando, um balançar de ombros foi a resposta à pergunta se era filha de Yemanjá. Um balançar de ombros que não era descaso mas, antes, abertura à indeterminação e, quem sabe, recusa às intrusões familiaristas. Mas lá estavam, na estante, algumas Yemanjás, entre bibelôs e felinos. Iemanjá, originariamente Yemoja, expressão iorubá que significa “mãe cujos filhos são peixes” é a orixá que encarna o princípio de geração, a própria vida, a energia vital. É o mar onde nascem e vivem os peixes, multiplicidade aquática onde a vida ganha corpo.

Ao pensar em Heliana muitos lembram do Careca – modo como ela se referia a Foucault, como um amigo que mora longe mas com quem regularmente se fala –, como este personagem que a acompanhava sempre, o interlocutor mais presente nas suas pesquisas e inquietações de pensar e viver. Tudo bem, sabemos do amor de Heliana pelo Careca, que a seduzia sempre, como se fosse a primeira vez: “você viu o que ele disse no último curso?”, perguntava ela, entre intrigada e feliz que o velho e conhecido amigo ainda fosse capaz de

---

<sup>1</sup> Durante o difícil período de internação hospitalar, entre 2023 e 2024, Heliana segue inquieta e pensante: recusando a passividade atribuída àqueles qualificados como “pacientes”, fala em escrever um artigo analisando as complexas relações deste lugar inóspito e paradoxal, lugar de fazer viver e deixar morrer. O artigo se chamaria “Equipes, equipos e equipamentos”.

surpreendê-la. Já eu, lembro de Iemanjá. O sorriso de Heliana como o mar em que mergulhávamos em meio às durezas desses tempos difíceis, os tantos e diferentes peixes que ela acolhia, nutria, paria, via partir. Sua fúria em ondas vigorosas contra tudo que rebaixa a vida. Seu amor oceânico encarnado nos pequenos gestos do cotidiano, na gentileza teimosa, na defesa de tudo que é pequeno, singular, dissonante e que faz a vida mostrar a sua estranha exuberância.

O que Heliana me ensinou como sua aluna, orientanda, amiga e que faz de mim uma professora e um tanto daquilo que sou, não foi apenas um campo de conhecimento, mas um *ethos*, um modo de vida, como ela fez questão de dizer numa de nossas últimas conversas, reafirmando o caminho trilhado e apostando que viver é prática que se faz entre muitos. Heliana oceânica e solar, filha de Yemanjá e mãe de peixes e gatos e gambás ampliou minhas latitudes de amar com sua amizade e a defesa incondicional de toda forma de vida. Heliana me apresentou a generosidade e a abundância como modo de trabalhar, de pensar, de fazer psicologias, de viver. O amor como força que cria as condições para modos de vida outros existirem, consistirem, marejarem.

Nesses últimos meses, duros e difíceis, de muitas incertezas e jalecos brancos, foram as pessoas-acontecimentos deste oceano chamado Heliana que me ensinaram, com ela, por ela, esta lição indispensável para seguir adiante: que o amor encarnado na teimosia da vida vence a peleja da morte, porque há sempre algo a fazer-se neste breve intervalo entre o que não somos mais e aquilo que estamos em vias de nos tornar. Há sempre mundos por vir, entre nós, humanos e mais-que-humanos, há germinações insuspeitas e nascedouros improváveis. Obrigada por serem mar e por também serem jangada nesses tempos turbulentos Cerezzo, Claudias (Camuri e Talleberg), Rosi, Aline, Kátia, Janne, Teresa, Adriana, Regina, Marcelo, Martha, Marly, Paula.

Neste Ocupaheliana de 26 de junho de 2024 não há parabéns, algazarra e gargalhadas, só o sussurro das ondas do imenso oceano cósmico onde estamos imersos. Lágrimas são ondas que vêm à superfície dos olhos, molhando a manhã. Feche os olhos, escutesinta a pulsação que sai do coração e te faz vibrar. Ondule-se e sinta este mar maior em cada célula do seu corpo, escutesinta a força amorosa de propagação vital das águas. Heliane-se! Odoya!

[Encerrei minha fala com “Eu e água”, de Caetano Veloso, cantada por Maria Bethania, sugiro ouvir antes de prosseguir. (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AcjH8XYBYk4>)]

## **Eu e Água**

(Caetano Veloso)

A água arrepiada pelo vento

A água e seu cochicho

A água e seu rugido

A água e seu silêncio

A água me contou muitos segredos

Guardou os meus segredos

Refez os meus desenhos

Trouxe e levou meus medos

A grande mãe me viu num quarto cheio d'água

Num enorme quarto lindo e cheio d'água

E eu nunca me afogava

O mar total e eu dentro do eterno ventre

E a voz do meu pai, voz de muitas águas

Depois o rio passa

Eu e água, eu e água

Eu

Cachoeira, lago, onda, gota

Chuva miúda, fonte, neve, mar

A vida que me é dada

Eu e água

Água

Lava as mazelas do mundo

E lava a minha alma

Lava a minha alma, mãe que sussurra ondas roucas que arrebetam na areia branca. Sempre a mesma e outra, esta infinidade azul, mar. O singular e o múltiplo em uma única materialidade, onda-mar. Yemanjá é um livro que se dá a ver a quem não fica na superfície. E quem vê, nada enxerga. Sente. Sabe. É preciso mergulhar nas águas para sair de si e encontrar outrem. É entrando no mar que se é e não se é ao mesmo tempo. É encontrando outrem que é possível transbordar-se de si. A diferença se fazendo no permanente e nunca igual refazer-se das ondas. Fluxo e refluxo diferencial. Não há mais si nem outrem, apenas onda. A impressionante massa de água que recobre o planeta não pára quieta, sendo sempre a mesma e outra. O espelho de Yemanjá não reafirma identidades, multiplica perspectivas.

Fecho os olhos e vejo Lia de Itamaracá com um longo vestido azul-translúcido-brilhante e uma estrela no alto da cabeça cantando no palco do Teatro da Funarte, no centro do Rio. Alumbramento. Eu quedo hipnotizada pela sereia, olhando-a de baixo, a aparição luminosa, na ponta dos pés, com a cabeça inclinada pra cima, tento acompanhá-la enquanto canta e dança. Vertigem. Estou sentada no hall do décimo andar, UERJ, sou estudante da graduação, converso com amigos no intervalo entre aulas. Passa por nós em direção ao corredor das salas de aula uma professora nova, andar apressado, magra, com longos cabelos encaracolados e cheios que só deixam antever de relance dois pequenos olhos curiosos. Sem saber bem como ou porque me levanto e sigo essa onda, essa Lia outra, multiplicada, caminho até os pés virarem nadadeiras e se descolarem do chão e já tudo vira um volume azulado, denso, morno, translúcido, oceano heliânico e eu nunca me afogava, nunca me afogava.

\*\*\*

Oyèrónké Oyèwùmí é uma pensadora iorubá. Ela vem do outro lado da Calunga Grande, este mar chamado Atlântico, onde tantos ficaram na travessia forçada da escravização colonial. Todas essas grandes águas com nome de homem, Atlântico, Pacífico, Índico e os furacões destruidores com nome de mulher, Katrina, só pra lembrar do mais famoso. As

palavras e as coisas. Da Nigéria vem Oyéronké. De lá também veio Yemanjá e os outros orixás iorubanos. Oyéronké desfaz o feitiço colonizador que torna tudo igual, tudo sempre o mesmo espelho do supostamente universal saber científico ocidental e diz que é preciso “provincializar” este saber, permitindo ver suas condições de produção, sua proveniência e refutar sua suposta universalidade. O saber científico tem cor e cheiro.

Oyeronké Oyěwùmí recusa a binariedade de gênero ocidental como universal a balizar o olhar sobre as sociedades africanas e revela como elas se organizam diferentemente do que supõe nossa vã colonialidade. Ela problematiza as condições de produção do saber e propõe um princípio matripotente, fluido, aquático, sem gênero, Oxum. Yemanjá diaspórica e Oxum nigeriana – cachoeira, lago, onda, gota, chuva miúda, fonte, neve, mar – se encontram não na identidade que supostamente comungam, mas na diferença geradora que constitui a própria vida que delas emana, que elas encarnam. Para Oyěwùmí, Oxum é o signo da diferença, pois a tudo inclui como princípio de geração. A mulher cujos filhos são peixes são ondas são sargaço são anêmona são sal são baleia e coral são superfície e fundura. A diferença instaura um gesto inaugural, transgride os limites impostos pelas fronteiras cognitivas ocidentais e põe a conversar coisas desavisadas. Aprender é viver na plenitude do acaso. E dar lugar à monstruosidade do que ainda não tinha existido, entremundos. A mulher cujos filhos são peixes me ensinou a nadar.

## **REFERÊNCIAS**

COUTINHO, Eduardo. Edifício Master (documentário), 2002.

FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. (2021). Em torno de um pensamento oxunista: Ìyá descolonizando lógicas de conhecimento. *Revista De Filosofia Aurora*, 33(59).  
<https://doi.org/10.7213/1980-5934.33.059.DS03>

MATOS, Aline. Oficina “Oxunismo em Oyèrónkẹ Oyěwùmí”. Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos, 2024.

OYĚWÙMÍ, Oyeronké. “A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero”. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

VELOSO, Caetano. "Eu e Água", faixa do álbum "Abraçar e Agradecer", de Maria Bethânia, 2015.

Adriana Rosa

Professora de Psicologia da UFF (Campus Niterói) e psicóloga formada pela Uerj. Teve o privilégio de ter Heliana Conde como sua orientadora de monografia e tese, coorientadora de dissertação e supervisora de pós-doutorado. E, sobretudo, tê-la como amiga inquieta e generosa, com quem, por mais de trinta anos, compartilhou sonhos e tessituras de uma vida outra. Agradece à Yemanjá e Oxum por fazerem confluir abundantemente suas águas.

Oraiiêê! Odoyá!

Email: [arosacs@uol.com.br](mailto:arosacs@uol.com.br) / [adrianarosa@id.uff.br](mailto:adrianarosa@id.uff.br)